

Utopia e o ensino de arquitetura: reflexões sobre as exposições estudantis de arquitetura de Londres

Fabiano Lemes de Oliveira

Arquiteto e Urbanista, professor doutor da Portsmouth School of Architecture, University of Portsmouth, Portland Building, Portland Street, Portsmouth, PO1 3AH, Inglaterra, +44 02392 842090, Fabiano.Lemes@port.ac.uk

Sim, Habermas¹ tinha razão, o projeto de modernidade não está morto; e o fim da utopia alegado por Jacoby² está longe de ser realidade. Faz falta apenas ter visitado algumas das exposições estudantis de arquitetura no verão londrino deste ano para se chegar a essa conclusão. Como o projeto de modernidade e a busca da utopia estão sendo perseguidos? Bem, a sugestão de Adorno de que nós deveríamos “contemplar todas as coisas como elas se apresentariam no momento da redenção”³, como apareceriam um dia na “luz messiânica”, parece ter sido completamente adotada na maioria dos projetos que vi na sexta-feira, 1 de Julho, na Westminster School of Architecture, na Architectural Association (AA) e na Bartlett School of Architecture⁴. A questão passa a ser então, como será o momento da redenção? Quando, ao longo da flecha do tempo, devemos parar e lançar as âncoras das nossas aspirações arquitetônicas? E como podemos fazê-lo?

A crença moderna na máquina e no progresso como motores da liberação humana se verifica em toda parte nos trabalhos que vi. O questionamento de Giedion da fé nestes princípios do movimento moderno, discutidos em seu livro *Mechanization Takes Command*⁵, como sabemos, foi logo posto a parte sobretudo pelas obras do Team 10 e dos Metabolistas nos anos 50 e 60. A busca da modernidade nunca chegou a parar, emergindo de tempos em tempos, nas décadas seguintes, e floresce hoje nesta nova geração de graduados. Há um novo archigranismo e um novo metabolismo no ar, complementado com o parametricismo⁶ de Schumacher e Hadid agora na moda. Levando em conta o slogan da exposição da AA: “o futuro está começando a se tornar um projeto novamente”,

pode-se começar a identificar como a escola se coloca ao longo desta marcha para um futuro brilhante, onde a máquina terá um papel fundamental e sempre presente. De fato, em todas as exposições, várias propostas manifestaram uma forte tendência à dependência da mecanização, tão semelhante aos seus antecessores, combinada agora com processos digitais e outras questões relacionadas ao zeitgeist, mais especificamente ao pensamento e cultura contemporâneos como: a complexidade dos sistemas urbanos, a idéia de multiculturalismo e a sustentabilidade.

Há a sensação de que o momento da redenção vem de certa forma tirado de um cenário pós-apocalíptico “à la” *Blade Runner* de Ridley Scott. A este respeito, a formalidade modernista na implementação de ordem e do progresso técnico na vida cotidiana encontra seu caminho agora através da incertidão formal, distorção, justaposição, sobreposição, explosão e colagem. É interessante ver como o mundo digital não conseguiu de nenhuma maneira substituir completamente o encantamento pelas máquinas. Elas são usadas para nos ajudar, a humanidade, a sobreviver no futuro de um mundo esquentado, sufocado e inundado pelo aquecimento global. Elas parecem ser a nossa salvação no momento da redenção. De volta a Adorno.

A “luz messiânica” brilhando sobre estes cenários ilumina o ícone, que é devastadoramente adotado como o totem indicando o caminho a seguir. A ideologia do ícone e da espetacularidade como legado contemporâneo para o futuro está em toda parte e deixa uma sombra densa sobre as tipologias arquitetônicas e tecidos urbanos mais tradicionais. O dinamismo do trabalho exposto, o

¹ Habermas, J. (1991). *Modernity: an unfinished project*. In: Ingram, J; Ingram, D. *Critical Theory, the Essential Readings*. New York: Paragon.

² Jacoby, R. (1999). *The End of Utopia: Politics and Culture in an Age of Apathy*. New York: Basic Books.

³ Adorno, T. (1974). *Minima Moralia: Reflections from Damaged Life*. London: NLB.

⁴ A University of Westminster foi fundada em 1838 como a primeira escola politécnica do Reino Unido e a sua escola de arquitetura é um dos centros de excelência em pesquisa e ensino no país. A Architectural Association foi fundada em 1847 e é uma das instituições mais famosas do mundo na área. Peter Cook, Richard Rogers, Zaha Hadid, David Chipperfield e Rem Koolhaas se graduaram na AA. Fundada em 1841, a Bartlett School of Architecture da University College London é também uma das pioneiras no ensino de arquitetura no Reino Unido e tem mantido papel de destaque no debate arquitetônico internacional. Peter Cook foi um dos seus diretores e ainda atua como mentor da escola.

⁵ Giedion, S. (1948). *Mechanization Takes Command: a contribution to anonymous history*. New York: Oxford University Press.

⁶ Schumacher, P. (2009). *Parametricism: a new global style for architecture and urban design*. In: *AD Digital Cities*, v. 79, n.4, jul-ago, p.14-23.

⁷ A University of Portsmouth tem suas origens em 1869 e durante 1960 e 1992 era conhecida como uma escola politécnica. O curso de arquitetura tem suas raízes nesse período e tem se consolidado como um forte centro nacional com ênfase no equilíbrio entre conhecimento técnico e exploração teórico-conceitual.

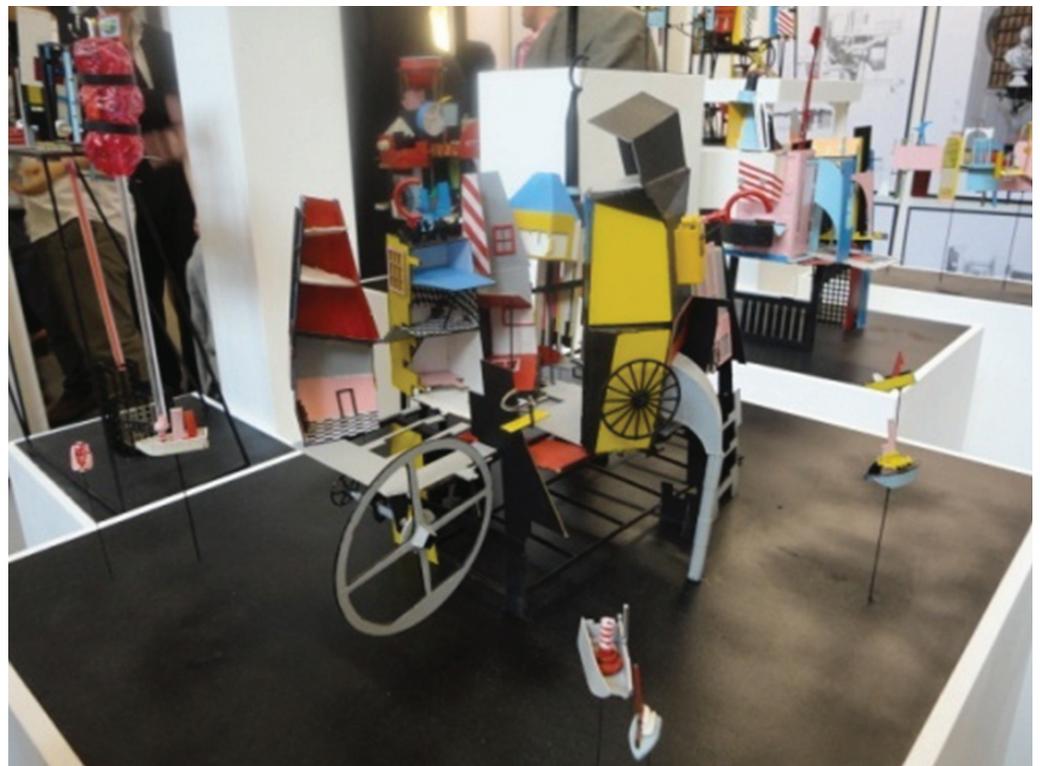
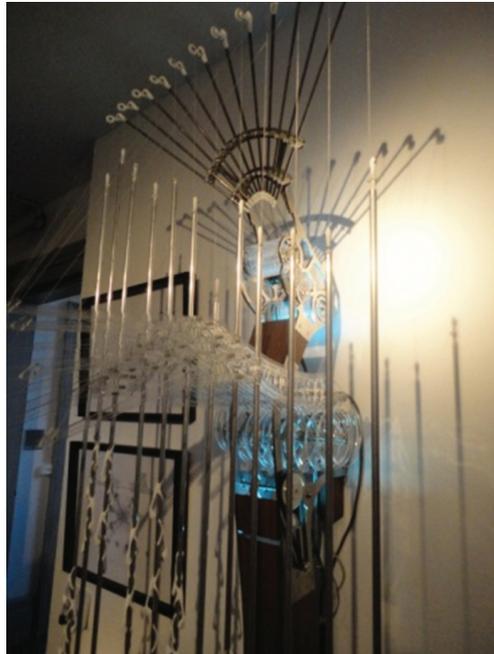
seu vigor e vertente expressionista são representados visualmente pelo movimento inquieto das formas, pelas linhas angulares (muitas linhas), cores fortes e imagens impactantes, umas inquietantes e outras inspiradoras.

Quem sabe este pode ser, como proclamado, o futuro da arquitetura, da arquitetura elitista e de autor pelo menos. No entanto, o Reino Unido é, provavelmente de modo dessemelhante a muitos outros países, capaz de se sobrepujar na sua capacidade de

produção de arquitetura de alta qualidade em ambas extremidades do espectro, tanto nas abordagens mais idealistas e futuristas – como pode ser visto em Londres – quanto nas vertentes mais empiricistas e realistas, como demonstrado por escolas como a Portsmouth School of Architecture⁷. Assim, qual o caminho levará à arquitetura do momento da redenção? Eu não tenho a mínima idéia, mas acredito haver lugar tanto para os ensinamentos de Rowe, Cullen e Alexander, como para os dos Smithsons, Cook e Hadid.



Figuras 1 e 2: Exposição estudantil de arquitetura 2010-11 na Westminster School of Architecture. Fonte: fotos de Fabiano Lemes de Oliveira.



Figuras 3, 4 e 5: Projetos expostos na Bartlett School of Architecture. Fonte: fotos de Fabiano Lemes de Oliveira.



Figuras 6 e 7: Exposição estudantil de arquitetura 2010-11 na AA. Fonte: fotos de Fabiano Lemes de Oliveira.